

## LABIRINTOS UNIFORMES: A EXPERIÊNCIA AUTOMATIZADA COM A PRODUÇÃO, DIFUSÃO E CONSUMO DE IMAGENS TÉCNICAS

Ana Luísa Panarelli Costa<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas  
Não associada

### RESUMO

Há uma automação homogeneizante em curso, que se intensifica com a evolução das imagens técnicas e a sua difusão, como, por exemplo, em câmeras acopladas aos smartphones e a disseminação nas redes sociais. Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que tal tendência chega ao clímax com a Inteligência Artificial generativa que, ao ocupar massivamente o ciberespaço, pode iniciar um processo de retroalimentação. O principal objetivo deste estudo é refletir sobre como o desenvolvimento de tais tecnologias predetermina seu uso, manipula a cultura de acordo com interesses corporativos e uniformiza as diversas singularidades. A metodologia baseou-se na construção teórica a partir de referências bibliográficas e na geração de imagens com a IA generativa sobre o tema.

### PALAVRAS-CHAVE

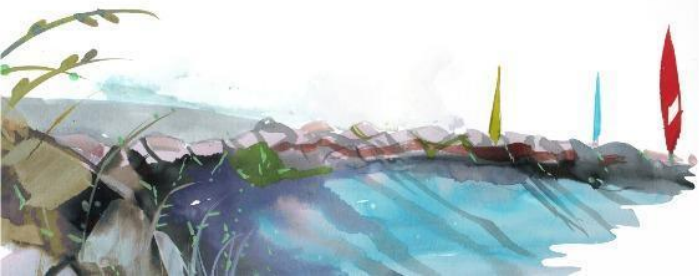
Homogeneidade. IA Generativa. Retroalimentação.

### 1. Introdução

A experiência humana é construída através de suas interrelações, nesse sentido, a humanidade não apenas modifica o meio, mas é modificada por ele, assim como cria tecnologias, é também transformada por elas. As tecnologias digitais amplificam suas funções e se infiltram de maneira abrangente nas mais variadas áreas da vida, fazem parte do trabalho, do lazer, da comunicação interpessoal, da expressão e do acesso à informação, por exemplo. O universo digital, além de ampliar suas capacidades, é cada vez mais aderido ao redor do mundo, de acordo com a pesquisa Digital 2025: Global Overview Report, da DataReportal, o número de usuários segue uma crescente e atualmente pouco mais de dois terços da população mundial usa a internet (KEMP, 2025). Isso significa que as condições em que a internet opera são cruciais para a experiência humana.

---

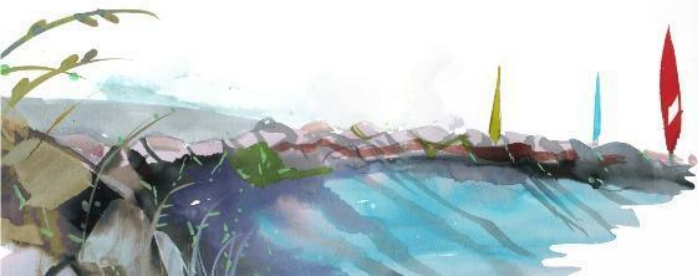
<sup>1</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal de Pelotas (PPGArtes/UFPel) na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Licenciada em Artes Visuais (UFPel). <https://lattes.cnpq.br/5849377456023379>. Orientanda do professor Felipe Merker Castellani Doutor em Música (UNICAMP). Mestre em Música (UNICAMP). Graduado em Composição (FASM). Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS.



A era digital insere novas realidades complexas, que permeiam diversas ambiguidades com a presença generalizada das tecnologias, capazes de gerar uma ampla gama de benefícios e problemas sociais, simultaneamente. De um lado possibilita iniciativas coletivas, acesso ao conhecimento, interconexão entre pessoas, abre espaço para diferentes experiências criativas e as mais diversas formas de compartilhamento. Por outro lado, gera problemas ambientais, dependência digital, desinformação, precarização do trabalho, invasão de privacidade e o monopólio político econômico operado por empresas de tecnologia. A professora Shoshana Zuboff (2021) argumenta que vivemos sob o capitalismo de vigilância, em que as grandes empresas de tecnologia coletam, analisam e comercializam dados pessoais em larga escala, com objetivo de prever, influenciar e moldar o comportamento humano. Já Yanis Varoufakis (2023) defende que o capitalismo como o conhecemos, fundamentado na produção de bens, está se metamorfoseando para o Tecnofeudalismo, centralizado nas *big techs* e no “capital em nuvem”, o que reconfigura a relação do poder econômico baseado não apenas no lucro com a venda de produtos, mas com extração de dados.

A cultura visual produzida no ciberespaço é essencial para a construção e manutenção do poder hegemônico conferido hoje as gigantes da tecnologia, que perpassa questões como o consumismo, a massificação da produção de conteúdo, o compartilhamento do cotidiano e intimidade na rede e o vício em telas, projetado pela economia da atenção. A fotografia ocupa um papel importante dentro desse contexto, já que domina grande parte das redes sociais amplamente utilizadas, a imagem concentra um número de elementos mais rápidos de serem lidos do que um texto, ela chega antes da palavra. Para Flusser (2009) as sociedades pós-históricas são regidas por imagens que se originam no interior de caixas pretas, a programação presente nesses sistemas predetermina seu uso. De acordo com o autor, a caixa preta foi inaugurada pela fotografia, contudo o conceito se refere a um modelo amplamente presente em aparelhos capazes de mediar a criação de imagens técnicas. Dada a importância das imagens na cultura, estabelecer determinadas funções e limites de possibilidades na forma como as imagens são feitas, distribuídas e consumidas, influem diretamente na expressão e percepção individual e coletiva. Flusser (2009) entende que o desafio está em agir no “interior” do programa para além da lógica de sua programação original. Inspirado no pensamento flusseriano, o artista Luiz Alberto Guimarães, na série fotográfica Paisagens Cacofônicas (2015), reelabora a câmara escura e insere múltiplas entradas de luz no aparelho, diferente do usual modelo monocular, cria assim uma imagem composta por camadas de diferentes perspectivas.

A capacidade de computação e análise dos dados ampliaram significativamente nos últimos tempos que, junto à produção em larga escala de imagens compartilhadas nas redes sociais, possibilitaram o maior desenvolvimento das IAs generativas. Segundo Sichman (2021) um dos principais motivos do recente avanço das IAs se deve a quantidade massiva de dados oriundos das redes e mídias sociais. Desde sua popularização, levantou uma série de discussões sobre suas problemáticas e possibilidades, dividindo opiniões nas mais amplas áreas. Existem inúmeras preocupações que envolvem essa inovação, como a ausência dos direitos autorais,



a invasão à privacidade, a ameaça aos empregos, os conteúdos enviesados que tem a tendência de reproduzir preconceito e uma nova forma de produzir desinformação, como o *deepfake* por exemplo. Estas são problemáticas muito graves, que já tem consequências para além do plano virtual, entre elas o foco desta pesquisa se encontra em refletir sobre uma cultura centralizada na relação automatizada, acrítica e superficial com as imagens. Esta relação é programada a partir dos valores e interesses daqueles que desenvolvem tais tecnologias, com objetivos de vigilância, lucro e controle comportamental.

A presente pesquisa articula prática e teoria a partir de uma elaboração visual que eclode da problematização da relação automatizada com a imagem e, conseqüentemente, a tendência homogeneizante de conteúdos compartilhados online. A metodologia é baseada no levantamento bibliográfico sobre o tema e em um experimento visual com a IA generativa, que discute a automatização de funções nas câmeras do celular. Assim, o experimento parte da retroalimentação na IA generativa, delineado aqui como uma elaboração visual dos labirintos uniformes ausentes da diversidade de olhares e de experimentações com a imagem.

## 2. Desenvolvimento

A fotografia passou por diversas modificações ao longo do tempo, tanto no próprio aparelho quanto na difusão de imagens, nesse contexto a produção, difusão e leitura das imagens técnicas passam por contínuas mudanças. Hoje, a câmera fotográfica é mais uma em um aglomerado de funções dos *smartphones* que, entre outras funções, concentra em um mesmo aparelho a capacidade de comparar, tirar fotos e compartilhar. Essa integração de dispositivos instaurou uma outra forma de relação com o ato de fotografar, se anteriormente era reservado a momentos especiais, atualmente se tornou um hábito, ou seja, a mudança na materialidade dos aparelhos altera a forma como são utilizados.

A automação geralmente é desenvolvida com fins de otimização do trabalho, substituição humana e diminuição do erro, quando aplicada a fotografia implica em uma relação mecânica com a experiência de fotografar, em busca de um ideal de beleza com configurações de fábrica. Um exemplo disso são recursos de IA na câmera do celular, capazes de detectar cenas e figuras humanas, ajustar automaticamente as configurações como iluminação, foco, posição do *frame* e filtros, o que aumenta a padronização das imagens. As câmeras frontais deram origem as *selfies* que, diferente dos espelhos, não apenas refletem uma imagem, mas sim uma idealização por meio do ângulo, enquadramento, iluminação e filtros. O experimento foi desenvolvido no site Imagen da empresa Google, que utiliza recurso de IA generativa e permite pesquisar com imagens (Imagem 1).



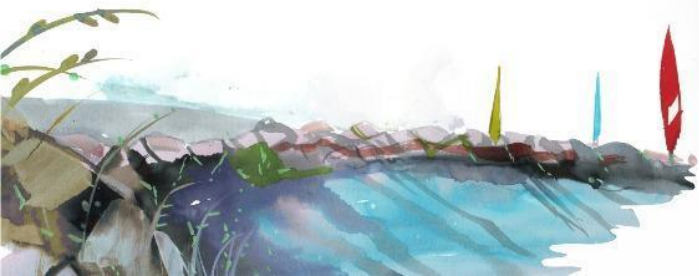
# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Imagem de IA gerada através do programa Imagen. Labirintos, 2025. Acervo Pessoal.

A primeira imagem foi gerada por meio do seguinte prompt: crie uma imagem fotorrealista do ponto de vista de uma pessoa tirando uma foto de si mesma, adicione outra camada da própria pessoa tirando uma foto da cena com seu celular, outra terceira camada de uma foto com o celular, uma quarta camada da própria



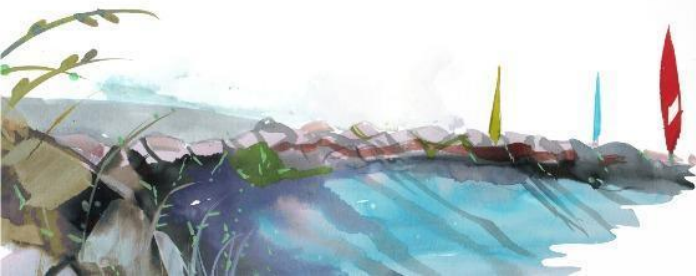
pessoa tirando uma foto com seu celular, todas essas camadas aparecem na mesma tela de um celular como uma sequência infinita de reflexos. A segunda imagem foi gerada apenas a partir da primeira, ou seja, não houve um comando de texto. A terceira imagem foi gerada a partir da segunda e assim sucessivamente, criando uma ideia de *looping* infinito que, nesse processo, reflete a ausência de diversidade.

O termo slop vem sendo utilizado para se referir ao conteúdo gerado por IA que é indesejado, considerado de baixa qualidade e muitas vezes com fins de monetização, uma analogia ao spam (Hern; Milmo, 2024). A existência de uma nomenclatura para esse tipo de conteúdo mostra a intensidade com a qual se espalha pela internet e a necessidade de identificá-lo. Fato este que tem gerado preocupações, conhecidas por termos como "*model collapse*" (colapso do modelo) (SHUMAILOV et al., 2023) ou "*data poisoning*" (envenenamento de dados) (BOHACEK; FARID, 2023), em que a base de dados da IA generativa começa a utilizar não apenas dados gerados organicamente, mas dados gerados sinteticamente, ou seja pela próprias IAs. A possibilidade de retroalimentação de seus dados expõe uma tendência homogeneizante, a qual já estava em curso por meio da constante automação na produção de imagens técnicas. Esta série de imagens surgiu com intuito de experimentar como o programa reagiria aos seus próprios dados, explorando uma das categorias mais populares, as *selfies*. A figura feminina se repete nas imagens, que carregam traços majoritariamente de uma pessoa branca, são imagens muito semelhantes entre si que reforçam a hipótese do trabalho.

### 3. Considerações finais

A imagem captada por uma câmera, integrada ao smartphone, acompanha o dia a dia e a intimidade dos indivíduos, o que a torna tanto um poderoso meio de denunciar injustiças e de compartilhar a diversidade dos modos de vida, quanto uma forma eficiente de elevar o consumismo, desviar a atenção e vigiar. A forma como as tecnologias são desenvolvidas e aderidas socialmente acompanham relações paradoxais e extremamente complexas.

A automação da produção de imagens técnicas facilita a repetição de determinadas formas de uso, é na programação dos sistemas e dos aparelhos que está inscrito a forma de utilizá-los, como um roteiro a ser seguido que gera barreiras no espaço da criação. Imagens instantâneas, automáticas, fáceis de serem consumidas e esquecidas não nutrem a criatividade, a autonomia e a singularidade, são formas de produzir e consumir imagens que não nos desafiam mas sim acomodam. A redundância das imagens, o caminho para horizontes monótonos são mais um sintoma do que a causa, é preciso compreender o contexto social em que essas tecnologias são amplamente utilizadas, para buscar formas de repensar suas lógicas programadas. Este foi um primeiro experimento relacionado a retroalimentação da IA



generativa, pensado como uma forma de elaborar visualmente a monocultura que o pensamento dominante opera sobre os corpos e as formas de autorrepresentação.

## Referências

BOHACEK, Maty; FARID, Hany. Nepotistically trained generative image models collapse. In: ICLR 2025 WORKSHOP ON NAVIGATING AND ADDRESSING DATA PROBLEMS FOR FOUNDATION MODELS. Singapura: 2023. Disponível em: <https://openreview.net/pdf?id=mkZB0fKLX8>. Acesso em: 11 jun 2025.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Relume Dumará, 2009.

GUIMARÃES, Luiz Alberto. Paisagens Cacofônicas. Fotografia. 2015. Disponível em: <https://www.laguimaraes.com/paisagens-cacofnicas>. Acesso em: 24 jul 2025.

HERN, Alex; MILMO, Dan. Spam, junk... slop? The latest wave of AI behind the 'zombie internet'. The Guardian, 19 mai 2024. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/article/2024/may/19/spam-junk-slop-the-latest-wave-of-ai-behind-the-zombie-internet>. Acesso em: 06 jun 2025.

KEMP, Simon. Digital 2025: Global Overview Report. DataReportal, 05 fev 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-global-overview-report>. Acesso em: 06 jun 2025.

SHUMAILOV, Iliia et al. The curse of recursion: Training on generated data makes models forget. arXiv preprint, 2023. Disponível em: [https://files.antimattercloud.nl/the\\_curse\\_of\\_recursion.pdf](https://files.antimattercloud.nl/the_curse_of_recursion.pdf). Acesso em: 10 jun 2025.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. Estudos Avançados, v. 35, n. 101, p. 37-50, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c4sqqrthGMS3ngdBhGWtKhh/?format=pdf>. Acesso em: 07 jun 2025.

VAROUFAKIS, Yanis. Technofeudalism: What Killed Capitalism. Reino Unido: Penguin Random House UK, 2023.

ZUBOFF, Shoshana. A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.